

ESTÉTICA EPISTEMOLÓGICA E AUTOBIOGRAFIA: EXPERIÊNCIAS REFLEXIVAS NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO EM ARTES VISUAIS

EPISTEMOLOGICAL AESTHETICS AND AUTOBIOGRAPHY: REFLECTIVE EXPERIENCES IN THE CONTEXT OF FORMATION IN VISUAL ARTS

Ana Paula Aparecida Caixeta / UnB
Luiz Carlos Pinheiro Ferreira / UnB

RESUMO

O texto reflete experiências vivenciadas em duas disciplinas ministradas a estudantes do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Brasília. Por configurarem estudos teóricos, as disciplinas denominadas: Seminário em Teoria, Crítica e História da Arte, tiveram como escopo temático pesquisas relacionadas à nossa trajetória de doutoramento, considerando olhares pedagógicos acerca de questões que tangenciam a estética e a autobiografia. Nossa intenção reside na dialogicidade que permeia o campo da estética, de viés epistemológico, e o campo da pesquisa autobiográfica, analisando as imbricações teóricas e metodológicas ocorridas durante o desenvolvimento das disciplinas. Entendemos, assim, que os apontamentos remetem ao contexto tanto da formação como da experiência pedagógica vivenciada em sala de aula pelos docentes e discentes.

PALAVRAS-CHAVE:

Estética; Autobiografia; Artes Visuais; Experiência pedagógica

ABSTRACT

The text reflects experiences in two disciplines taught to students of degree in Visual Arts at the Universidade de Brasília. By configuring theoretical studies, the disciplines called: Seminar in Theory, Criticism and History of Art, had as thematic scope related searches to our doctoral trajectory, considering pedagogical looks about issues that touch on the aesthetics and the autobiography. Our intention lies in the dialogical that permeates the field of aesthetics, epistemological bias, and the field of autobiographical research, analyzing the theoretical and methodological overlaps occurred during the development of disciplines. We believe, therefore, that the notes refer to the context of both training and pedagogical experience experienced in the classroom by teachers and students.

KEYWORDS

Aesthetics; Autobiography; Visual arts; Pedagogical experience

Introdução

O Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Brasília tem em seu currículo disciplinas específicas para pensar experiências reflexivas no contexto teórico da arte. Com ementa livre, as disciplinas denominadas: *Seminário em Teoria, Crítica e História da Arte*¹ abrem espaço para movimentos dialógicos ao permitirem liberdade quanto às temáticas desenvolvidas, especialmente quando trabalhadas a partir de um movimento de coerência entre o que o docente pesquisa e quais as emergências são evocadas pelos discentes. Desse modo, criam-se dinâmicas relevantes tanto pelo viés teórico como pela dimensão prática, em que o tema da ementa é elaborado a partir de questões provocadas por outras experiências vivenciadas em sala de aula e pensadas por uma trajetória de pesquisa que cada docente desenvolve ao longo da sua carreira.

Considerando os inúmeros esforços de se pensar o ensino superior em Artes Visuais, especialmente na formação em licenciatura, o texto em questão optou por trazer discussões consideradas necessárias, quando se reflete sobre as escolhas temáticas acerca de disciplinas ministradas na graduação e quais os efeitos de se trabalhar com olhares dialógicos entre o que se pesquisa e o que se pensa em sala de aula. Assim, a partir de experiências pontuais vivenciadas por nós, em uma disciplina semestral² sobre Estética e outra sobre Pesquisa Autobiográfica, é que questões são trazidas como possibilidades investigativas acerca de movimentos teóricos e metodológicos no que tange a formação em Artes Visuais, em especial, a formação em licenciatura.

Assumimos que o estudo aqui proposto consiste em analisar tais experiências como forma de pensar o espaço universitário e formativo enquanto ambiente reflexivo, cujas nuances dessas experiências levam a estratégias pedagógicas que corroboram com possibilidades teóricas no contexto do ensino das Artes Visuais. Não está em questão propor, aqui, uma teoria ou métodos, mas movimentar um debate sobre possibilidades de se pensar gestos pedagógicos atentos às novas emergências da contemporaneidade. Nesse sentido, ao longo desse processo experiencial,

CAIXETA, Ana Paula Aparecida; FERREIRA, Luiz Carlos Pinheiro. Estética epistemológica e autobiografia: experiências reflexivas no contexto da formação em artes visuais, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2187-2200.

observamos determinadas situações propostas em sala de aula, tais como: a relação com o conceito de estética e o objeto artístico, bem como, a dimensão do reconhecimento de si a partir de fotografias pessoais em que reverberaram sentidos atrelados às questões culturais e sociais, condizentes com o cotidiano dos estudantes. Tais situações serão explicitadas a seguir, considerando os discursos, culturas, questões sociais e individuais e reverberações sensíveis acerca de reivindicações discentes quando se trata de pensar as pedagogias nesse contexto formador.

Vale salientar que a escolha por uma parceria reflexiva acerca de dois temas trabalhados por professores distintos se consolida pela certeza de que diálogos entre processos formadores promovidos por docentes no contexto de ensino e pesquisa fomentam debates qualitativos e consideráveis, especialmente por trazer para a discussão algo da prática experienciada/observada.

Caminhos para uma estética epistemológica a partir da experiência em sala de aula³

O início de 2018, do ponto de vista de quem estava inserido no contexto formativo em Artes Visuais, foi simbólico ao considerar os resquícios de 2017 como sinalizadores de um movimento de aversão à arte, especialmente por questões provenientes de efeitos estéticos. Sejam pelas polêmicas relacionadas à exposição *QueerMuseu*⁴ ou pelos predicativos esvaziados dados aos elementos e manifestações artísticas dos últimos tempos, não dá para negar a necessidade de se discutir estratégias conscientes quanto aos processos de experiências sensíveis com a arte. E sobre isso, nada mais categórico do que evocar o espaço da arte no contexto educativo, especialmente de uma educação em artes visuais. Assim, ao elaborar uma proposta de discussão e conteúdo para o semestre daquele período, tais emergências foram fundamentais, pois movimentaram a necessidade de levar para a sala de aula situações estéticas importantes de serem discutidas enquanto temas para estratégias de ensino que almejem refletir sobre tais fenômenos contemporâneos.

CAIXETA, Ana Paula Aparecida; FERREIRA, Luiz Carlos Pinheiro. Estética epistemológica e autobiografia: experiências reflexivas no contexto da formação em artes visuais, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2187-2200.

Mesmo com uma intenção atenta às situações da atualidade e apesar da identificação de uma problemática emergente de reflexão, impasses surgiram: como discutir efeito estético quando, na verdade, identifica-se, no século XXI, um certo silenciamento⁵ da Estética enquanto disciplina filosófica necessária nos estudos das Artes Visuais? Seria possível nortear certas discussões sem deixar-se manter no caráter opinativo e partir para uma reflexão, cujos gestos de movimento são estéticos e filosóficos, bem como epistemológicos? Por que as ideias de uma educação estética parecem não alcançar teorias construídas quanto aos processos de entendimento do sensível?

Percebe-se que os impasses anunciados demonstram um ponto em comum: a necessidade de compreensão de aspectos teóricos concernentes à Estética, a uma história das teorias da Estética, como possibilidade de entedimento acerca dos efeitos sensíveis provenientes das relações de experiência com a arte. Não cabe à reflexão em questão dar respostas ou norteamentos às perguntas sinalizadas, contudo, é de relevância compreender que essas perguntas, ainda sem respostas, são motes para o trabalho que venho desenvolvendo no Departamento de Artes Visuais da UnB e junto ao grupo de pesquisa⁶ em que atuo. Amparada nos debates da teoria da Epistemologia do Romance (2018), fui ao encontro de fundamentações que me induziram pensar sobre o silenciamento de importantes teorias que dizem respeito às relações sensíveis entre sujeito/objeto, promulgadas por Immanuel Kant (2010; 2015).

Nos estudos de doutoramento⁷, pude lidar com discussões estéticas sobre um objeto estético, no caso literário, que se propunha transgressor a partir da insistente escrita confessional do autor. Tal dinâmica de pesquisa encaminhou-me para reflexões importantes e uma delas no que diz respeito à ideia de efeito estético – pensada por Wolfgang Iser (1996) a partir de desdobramentos acerca da teoria da recepção de Robert Jauss (1979), considerando uma fonte inevitável de discussão preconizada por H.G. Gadamer (1997). Desse modo, motivada por angústias que já vinham da feitura da tese e da experiência em sala de aula, cheguei à possibilidade de elaborar uma disciplina naquele semestre que pudesse contemplar uma discussão basilar da

CAIXETA, Ana Paula Aparecida; FERREIRA, Luiz Carlos Pinheiro. Estética epistemológica e autobiografia: experiências reflexivas no contexto da formação em artes visuais, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2187-2200.

Estética, indo ao encontro de alguns suportes para alcançar reflexões acerca dos fenômenos atuais em torno da Arte e do espaço que ocupa.

A proposta e seu aporte teórico

Elencadas as problemáticas maiores que deram energia para o empreendimento da disciplina em questão, veio a necessidade de se pensar em um aporte teórico que contemplasse os anseios iniciais de cogitar o estudo da Estética fora do espaço da Filosofia⁸. Identificado um público cujas discussões filosóficas quanto à Estética eram parcas, pude pensar melhor em qual discurso amparar-me para analisar didaticamente teorias importantes quanto ao pensamento acerca da relação sujeito e obra de arte. Sendo assim, escolhi o livro *O que é estética?*, do Marc Jimenez (1999), para trazer as discussões e nortear os debates sobre as emergências já sinalizadas anteriormente.

A proposta foi ousada, porém, com resultados positivos. Consistiu em fazer a leitura de todo o livro de Jimenez (1999), do início ao fim, como forma de lidar com a construção de seu pensamento acerca da estética sem se perder em textos diferentes e de diferentes autores e aportes. O que justificou essa escolha foi a provocação feita por Suassuna, em seu livro *Iniciação à Estética* (2009), em que assume ser mais relevante, no ensino da graduação, passar pela leitura atenta ao livro inteiro do que transitar por inúmeras teorias e discussões sem assimilar inteiramente nenhuma delas.

A ementa proposta tinha como escopo: diálogos e reflexões acerca da Estética a partir de leituras que promovessem a incursão ao contexto da arte, da criação e de seus variados processos. Foi apresentado o objetivo geral: ter contato com algumas discussões básicas de Estética, buscando conhecer, por meio de leituras e reflexões, sua relevância junto à consciência do processo criativo, considerando questões filosóficas em diálogo com a trajetória da razão sensível na arte. O eixo norteador do curso levou-me a pensar especificidades necessárias a serem desdobradas a partir

CAIXETA, Ana Paula Aparecida; FERREIRA, Luiz Carlos Pinheiro. Estética epistemológica e autobiografia: experiências reflexivas no contexto da formação em artes visuais, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2187-2200.

da leitura de Jimenez (1999), sendo elas: apresentar o contexto da palavra “estética” na modernidade; compreender as principais influências filosóficas no contexto da arte; refletir sobre autonomia estética e tradição; considerar o nascimento da estética moderna e suas implicações atuais junto às relações sujeito/objeto; pensar a estética enquanto criação e recepção no contexto do efeito.

Além dos norteamentos apresentados, as estratégias de ensino para lidar com tais envergaduras consistiram em leitura, exposição teórica e debate do texto-base. Foram sugeridas apresentações em todas as aulas de objetos estéticos trazidos pelos alunos, de modo que pudessem ser vistos e fruídos posteriormente à exposição teórica. Também foi proposto um seminário a ser apresentado por eles, cuja escolha temática era livre, porém, com auxílio das leituras empreendidas em sala de aula mais a leitura complementar de *O belo autônomo*, de Rodrigo Duarte (2015). Como um dos instrumentos avaliativos, tivemos a elaboração de um texto em caráter de pequeno artigo para contemplar as discussões anunciadas pelos seminários.

Os desdobramentos

Firmado o acordo da proposta da disciplina e dando início ao semestre, tanto as leituras e debates bem como as participações pontuais com os objetos estéticos trazidos pelos alunos foram enriquecedores e cumpriram com as expectativas iniciais: *envolver boa parte da turma nos debates sensíveis acerca do gesto filosófico e de se pensar a Estética como estratégia pedagógica quanto à consciência das relações sensíveis com objetos*. Contudo, devido a um semestre atípico, em que uma greve estudantil⁹ foi deflagrada, um esvaziamento aconteceu e os seminários, previamente agendados, foram suspensos em detrimento da situação.

Embora a condição inusitada tenha reconfigurado o planejamento inicial, manteve o principal instrumento avaliativo, o texto acadêmico, em que os estudantes pudessem ter espaço de discussão teórica e reflexiva acerca do que vinha sendo debatido ao

CAIXETA, Ana Paula Aparecida; FERREIRA, Luiz Carlos Pinheiro. Estética epistemológica e autobiografia: experiências reflexivas no contexto da formação em artes visuais, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2187-2200.

longo dos meses, especialmente por exercerem a reflexão em primeira pessoa, contudo, sem manter-se no modo opinativo e de senso comum.

Muitos dos textos entregues trouxeram temáticas relevantes do ponto de vista do estético e do efeito estético, especialmente discussões acerca da pichação, da condição da mulher no contexto da arte urbana, nas situações de sexo e sexualidade e nos debates sobre o estético e o sublime. Vale ressaltar que muitos alunos voltaram-se para reflexão sobre seu próprio trabalho poético, pensando-o esteticamente enquanto a intrínseca relação entre forma e conteúdo, cuja representação poética se dá por meio da manifestação sensível da ideal, tal como nos fez entender F. Hegel (2001).

Considerações para uma estética epistemológica

Diante da experiência compartilhada neste texto e motivada, atualmente, pelas discussões de uma estética epistemológica como possibilidade pedagógica no contexto do ensino das Artes Visuais, as vivências na disciplina discutida fortaleceram ainda mais a necessidade de debate e teorização sobre questões cuja Estética fundamenta. Desse modo, parece-me clara a relevância de se provocar dinâmicas em que a teoria não é negligenciada, mas evocada enquanto movimento imprescindível para se lidar com a consciência do estético acerca de um universo cada vez mais complexo quanto às relações sensíveis do sujeito com o mundo.

Entendo, até aqui, como a arte se ocupa de discursos negligenciados e silenciados, cujos tabus e moralismos são assumidos como predicativos de definição da arte, o que é um problema, do ponto de vista, inclusive, da estética moderna e contemporânea. Desse modo, acredito que empreendimentos que evoquem uma discussão amparada por teorias da Estética promovam reflexões importantes sobre tais fenômenos, especialmente numa contemporaneidade saturada de visualidades, cujos discursos *a priori* (Kant, 2010) sufocam a experiência estética e levam a reducionismos problemáticos no que diz respeito à arte. De modo geral, tem-se como

emergência a necessidade atual de saber lidar com os efeitos sensíveis provocados por essas novas dinâmicas de relações.

Caminhos para uma pesquisa autobiográfica: o processo formativo do sujeito¹⁰

A oferta da disciplina de Seminário em Teoria, Crítica e História da Arte 3 representou uma possibilidade de contemplar questões pontuais acerca da minha pesquisa de doutorado¹¹. Considerei pertinente pensar aspectos que tangenciavam o processo de reconhecimento do sujeito como um caminho de formação e conscientização da função docente. Tal processo, inicialmente vivenciado por mim no contexto da pesquisa de doutorado, ganhou amplitude no desenvolvimento da Pesquisa de Iniciação Científica, bem como, nas orientações de TCCs, repercutindo de forma contundente no planejamento e na realização da referida disciplina para os alunos. Acredito que, ao conjecturar um caminho de pesquisa autobiográfica a partir de um movimento que pudesse promover um espaço de problematizações em sala de aula, contribuiria para fomentar reflexões acerca dos processos de formação vivenciados pelos alunos. Movimento que residiu no “[...] reconhecimento da subjetividade do sujeito, [...], na convivência e participação democrática [...], na construção de um conhecimento não fragmentado e não alheio à experiência dos alunos” (CARBONELL, 2016, p. 55). Nessa perspectiva, cabe frisar que o autor enfatiza a questão do conhecimento que é associado com a seleção e hierarquização dos diversos conteúdos do currículo. Questiona o que se deve ou não ser ensinado e quais os efeitos do currículo explícito ou oculto para o contexto formativo dos sujeitos.

Ao enfrentar o desafio de preparar um planejamento sobre a conjuntura proposta pela disciplina, ou seja, uma temática livre associada com o campo de pesquisa do professor, ponderei quais seriam os possíveis caminhos: seguir um caminho relacionado com a questão do cotidiano e do currículo em artes visuais, ou então, estabelecer conexões entre o processo formativo e o reconhecimento do sujeito a partir do campo da pesquisa narrativa e autobiográfica. Escolhi trilhar os efeitos de um caminho autobiográfico, que desvelasse questões pontuais e, ao mesmo tempo,

CAIXETA, Ana Paula Aparecida; FERREIRA, Luiz Carlos Pinheiro. Estética epistemológica e autobiografia: experiências reflexivas no contexto da formação em artes visuais, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2187-2200.

subjetivas em relação ao processo formativo em artes visuais. Um caminho pedagógico que, embora apresentasse congruências com a necessidade de aporte teórico da disciplina, também pudesse contribuir com nuances atreladas a um efeito [curricular] oculto. Não tenho por intenção aprofundar concordâncias ou discordâncias acerca do que quer um currículo, pois entendo que, ao “[...] analisar nossos quereres, fazeres e dizeres constituidores do funcionamento de um currículo” (CORAZZA, 2001, p. 13), estou a procura de uma abertura que possa indicar outros caminhos, ou seja, outros modos de pensar o conhecimento e a formação em artes visuais. Destaco que ao priorizar um panorama que contemplasse a pesquisa autobiográfica, aventurei-me por caminhos desafiadores. Caminhos que até então, foram enfrentados num percurso solitário, característico de uma pesquisa de doutorado, entretanto, nessa empreitada, chegou o momento de compartilhamento das angústias e desafios vivenciados. Dividir angústias que desafiam a existência do sujeito, em especial, aquelas presentes numa perspectiva autorreflexiva sobre a vida, privilegiando uma narrativa que vislumbre o reconhecimento de si. Nesse sentido, acentuei o meu comprometimento com uma disciplina que contemplou o campo da autobiografia como caminho de pesquisa e de formação (SOUZA, 2006). Inclusive, ajuizei ser relevante apontar aspectos que, inicialmente, transitassem pela compreensão do conceito de sujeito e de indivíduo em contextos sociais e culturais (TOURAINÉ, 2011).

O contexto conceitual e metodológico da disciplina

A concepção conceitual e metodológica relacionada com a construção da disciplina, advém da pesquisa de doutorado, quando investiguei fragmentos narrativos de experiências de vida com o intuito de desvelar e compreender o caminho e o sentido de ser professor. Acreditei na relevância e ampliação dos estudos da pesquisa autobiográfica como um caminho que vislumbra uma percepção do sujeito no tocante as estruturas formativas. Essa perspectiva conceitual permeou parte do percurso da disciplina como alicerce para compreender a si mesmo. Tal percepção colabora para uma reflexão acerca do reconhecimento de si, justamente por representar uma forma

de dizer de si e sobre si, a partir de referências que se configuram no modo como experimentamos a vida. Cabe salientar que o movimento de reconhecimento de si, provocado pelos atravessamentos estéticos no contexto de vida dos sujeitos, permitem identificar elementos importantes no que tangem processos de formação docente. Tais processos, instigam, por meio de um olhar do particular, o tocar de questões coletivas que se repetem no âmbito do processo formativo do sujeito, ou seja, as memórias e as relações afetivas evidenciadas por artefatos.

No caso específico da disciplina, foram elencados como recurso para o contexto metodológico, de viés prático em sala de aula, fotografias pessoais e recordativas que apontassem memórias da época de infância e de escolarização. Inicialmente, foi solicitado na primeira semana de aula que os alunos observassem uma foto 3x4 que estivesse em seu poder naquele momento. A partir da imagem, responderiam determinadas questões: Quem sou eu? O que eu vejo nesta foto? Quem eu vejo nesta foto? O que representa esta foto? Em que momento esta foto foi tirada? Tais perguntas mobilizaram os alunos no sentido de pensar acerca da sua própria representação/identificação como sujeito. A atividade promoveu também uma reflexão sobre a temporalidade biográfica, apontando questões que tencionavam os diferentes tempos que atravessam a formação do sujeito (PINEAU, 2003). Inevitavelmente, estas repercussões estavam associadas com a data e o momento em que foi tirada a foto 3x4, assim como, as discussões que enfatizaram o lugar de sujeito e de indivíduo vivenciado pelos alunos, em tempos e espaços distintos.

Posteriormente, outras atividades práticas aconteceram em consonância com o aporte teórico. Por exemplo, ao tratar sobre a questão que envolvia a leitura da própria vida e a escrita da experiência de formação com base na época de escolarização (CATANI, 2005), foi solicitado aos alunos que apresentassem fotografias da época de escolarização, em especial, os denominados “postais escolares”. Fotografias que acionariam os sentidos atribuídos pelo sujeito que experimentou a vida escolar, reconstruindo sua trajetória de formação. A partir da projeção da imagem fotográfica

em sala de aula, os alunos comentavam verbalmente sobre a escolha da imagem e posteriormente produziram um fragmento narrativo que contextualizasse a experiência/lembrança escolar. A partir dessa experiência foi possível refletir sobre a configuração que envolve a formação do sujeito e, por sua vez, da história na qual o mundo representa o cenário pessoal e social das vivências. Durante o desenvolvimento da atividade, acentuei para os alunos o papel determinante que todos poderiam estabelecer acerca da própria vida. Nesse ponto, o entendimento da narrativa como recurso teórico e metodológico foi fundamental, possibilitando a concepção de histórias de vida a partir da percepção e reflexão dos acontecimentos vividos. Segundo Delory-Momberger (2011, p. 341), “é a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida e que dá uma história a nossa vida”, onde as ações e as pessoas presentes nesse universo particular tornam-se episódios e personagens segundo uma organização do próprio acontecimento. Assim, construímos relações entre eles, damos um lugar e um significado às situações e experiências que vivemos a partir da narrativa.

Nessa perspectiva, ao trazer alguns exemplos pontuais dessa experiência em sala de aula, assevero que o campo da narrativa e da autobiografia representa um cenário promissor para a dimensão da pesquisa e da formação em artes visuais. Sobretudo, ao vislumbrar que a história de vida inscrita pelo sujeito carrega repertórios imagéticos, no caso específico das imagens fotográficas que serviram como recurso para a disciplina, sinalizando traços, rastros e vestígios de uma temporalidade biográfica que se escreve no tempo da vida e da experiência.

Reflexões finais

Trazer o campo da experiência pedagógica de sala de aula para a arena do texto representa um mecanismo promissor de dialogicidade para pensar o processo de formação em artes visuais, tanto dos docentes como dos alunos envolvidos – em especial, quando refletimos sobre duas disciplinas que possuem a mesma nomenclatura, porém, com especificidade particular ao docente que assume a

mesma, reportando o seu esforço de pesquisa e articulação teórica e prática. Tal intensidade presente no processo de organização da disciplina perpassa interesses de ambas as partes, no entanto, existe um interesse que sobrepõe as razões pessoais: o desejo de compartilhamento de ideias, projetos e intercâmbios teóricos. Aliar o contexto de pesquisa que envolve a estética epistemológica com o campo da pesquisa autobiográfica pressupõe construir interfaces dialógicas e processuais.

Embora as condições discursivas das duas temáticas sigam construções epistêmicas próprias, com convergências e divergências, é no movimento de reflexão acerca da consciência do sensível, sobre si e àquilo ao qual se relaciona, que se amparam os anseios do diálogo aqui proposto. Especialmente por considerarmos que, no campo do ensino reflexivo, há a necessidade sumária de se lidar com as experiências cotidianas como mote para debates entre teoria e prática. Desse modo, pressupõe-se que o contexto de formação docente em que considera ementas cujas exposições teóricas não distenciem de um universo representativo e cotidiano, promove uma prática menos estática, mais propositiva e, conseqüentemente, mais reflexiva. Especialmente, quando os esforços voltam-se para um olhar que destaca as experiências sensíveis, individuais e coletivas, como parte da construção reflexiva, mas também teórica, sobre como lidar com aquilo que a percepção promulga.

Notas

¹ O currículo completo do Curso de Licenciatura em Artes Visuais pode ser acessado aqui: <https://matriculaweb.unb.br/graduacao/curriculo.aspx?cod=5665>

² As disciplinas em questão foram ministradas no 1º semestre de 2018.

³ Reflexões sobre a Disciplina: Seminário em Teoria, Crítica e História da Arte 2 [STCHA 2], ofertada no 1º semestre de 2018.

⁴ O El País publicou um texto relevante a respeito da polêmica em torno da exposição: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html

⁵ Tanto Marc Jimenez (1999) quanto Thierry de Duve (2009) sinalizam um século XX preocupado em distanciar-se da Estética, especialmente de resquícios de uma estética clássica e moderna, em detrimento de novos rumos da arte, cuja forma e experiência lidam com configurações mais fluidas e, por que não, aleatórias. Entendo que ambos discordam desse distanciamento, haja vista que isso fragiliza aspectos relacionados à consciência da experiência sensível, facilitando discursos universais, delimitadores e de senso comum.

⁶ Grupo Epistemologia do Romance (PósLit/UnB/CNPq). A teoria da Epistemologia do Romance (ER) se propõe uma teoria complexa e de olhar comparatista, cujos debates, nascidos das discussões de Wilton Barroso Filho (2003) e efetivada junto ao grupo homônimo ao longo de quase duas décadas, tem como escopo pensar o objeto estético a partir de bases filosóficas importantes para o conhecimento: a estética, a epistemologia e a

hermenêutica. Neste processo reflexivo, evoca-se a relevância da estética enquanto possibilidade teórica e reflexiva acerca das sensações causadas pelo movimento entre leitor/expectador/interator e obra de arte.

⁷ Tese defendida em agosto de 2016, no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília, de título Glauco Mattoso, o antikitsch. O trabalho consistiu em pensar o espaço da arte, no caso, da arte literária do autor como espaço antiestético, de modo a contemplar questões complexas da condição humana, reverberadas pelo gesto confessional e autoficcional.

Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/22767>

⁸ Curricularmente, a disciplina de Estética é ofertada pelo Departamento de Filosofia com pré-requisito e sem oferta obrigatória para o Curso de Artes Visuais. Essa informação pode ser conferida no currículo dos cursos, disponível no Matrícula Web: <https://matriculaweb.unb.br/graduacao/>

⁹ https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/euestudante/ensino_ensinosuperior/2018/05/02/ensino_ensino_superior_interna,677832/em-assembleia-estudantes-da-unb-deflagram-greve-geral.shtml

¹⁰ Reflexões sobre a Disciplina: Seminário em Teoria, Crítica e História da Arte 3 [STCHA3] ofertada no 1º semestre de 2018 com a seguinte temática: Ateliê Autobiográfico: histórias, aprendizagens e narrativas de formação em artes visuais a partir de uma abordagem teórica e prática com ênfase nos estudos sobre autobiografia, formação, pesquisa narrativa e aprendizagens.

¹¹ A Tese de Doutorado: MO(V)IMENTOS AUTOBIOGRÁFICOS: historiando fragmentos narrativos de experiências de vida docente e discente em Artes Visuais foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, na linha de pesquisa: Culturas da Imagem e Processos de Mediação.

Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5091>

Referências

BARROSO, Wilton; BARROSO, Maria Veralice (orgs). **Estudos epistemológicos do romance**. Brasília: Verbena Editora, 2018.

CARBONELL, Jaume. **Pedagogias do século XXI: bases para a inovação educativa**. Tradução: Juliana dos Santos Padilha. Porto Alegre: Penso, 2016.

CATANI, Denice Bárbara. As leituras da própria vida e a escrita de experiências de formação. **Revista de FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 14, n. 24, julho/dezembro, p. 31-40, 2005. Disponível em: www.uneb.br/revistadafaeeba/files/2011/05/numero24.pdf Acesso em 19 maio de 2013.

CORAZZA, Sandra. **O que quer um currículo?** Pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. In: **Revista em Educação: Belo Horizonte**, v. 27, n. 01, abril, p. 333-346, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v27n1/v27n1a15.pdf> Acesso em: 10 setembro 2013.

DUARTE, Rodrigo (org.). **O belo autônomo: textos clássicos de estética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Crisálida, 2015.

DUVE, Thierry de. **Cinco reflexões sobre o julgamento estético**. Tradução: Patricia Chittoni Ramos Reuillard. *Revista Porto Arte: Porto Alegre*, V. 16, Nº 27, Novembro/2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/18187> Acesso em: 12 janeiro de 2019.

CAIXETA, Ana Paula Aparecida; FERREIRA, Luiz Carlos Pinheiro. Estética epistemológica e autobiografia: experiências reflexivas no contexto da formação em artes visuais, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2187-2200.

GADAMER, H. G. **Verdade e Método 1**. Tradução: Flávio Paulo Meurer. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Cursos de Estética I**. Tradução: Marco Aurélio Werle – 2ª ed) São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução: Johannes

Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aesthesis e Katharsis. In: LIMA, Luiz Costa (org.). **A literatura e o leitor** - textos de Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** Tradução: Fulvia M. L. Moretto. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 1999.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade de juízo**. Tradução: Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução: Fernando Costa Mattos. Petrópolis, RJ: Vozes; Ed. Universitária São Francisco, 2015.

PINEAU, Gaston. **Temporalidades na formação: rumo a novos sincronizadores**. Tradução: Lucia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 2003.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética**. 10ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

TOURAINÉ, Alain. **Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje**. Tradução: Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

Ana Paula Aparecida Caixeta

Doutora e Mestre em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília; graduada em Letras e Artes Plásticas. É professora adjunta no Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília e líder do grupo de pesquisa Epistemologia do Romance.

Luiz Carlos Pinheiro Ferreira

Doutor em Arte e Cultura Visual pelo PPGACV da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Mestre em Educação pelo PPGE da UFF/Niterói/RJ e Licenciado em Educação Artística/História da Arte pela UERJ. Professor Adjunto do Departamento de Artes Visuais Universidade de Brasília e credenciado no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – PPGAV/UnB.

CAIXETA, Ana Paula Aparecida; FERREIRA, Luiz Carlos Pinheiro. Estética epistemológica e autobiografia: experiências reflexivas no contexto da formação em artes visuais, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2187-2200.